

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JORDANA VIEIRA SANDES SANTOS

**O PLANEJAMENTO CURRICULAR APLICADO NA CONSTRUÇÃO DA
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Delmiro Gouveia – AL

2023

JORDANA VIEIRA SANDES SANTOS

**O PLANEJAMENTO CURRICULAR APLICADO NA CONSTRUÇÃO DA
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pereira.

Delmiro Gouveia – AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237p Santos, Jordana Vieira Sandes

O planejamento curricular aplicado na construção da representação de gênero na educação infantil / Jordana Vieira Sandes Santos. – 2023.

51 f.: il.

Orientação: Rodrigo Pereira.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Educação infantil. 2. Currículo escolar. 3. Sexualidade. 4. Gênero. I. Pereira, Rodrigo. II. Título.

CDU: 373.3:612.6.057

JORDANA VIEIRA SANDES SANTOS

**O PLANEJAMENTO CURRICULAR APLICADO NA CONSTRUÇÃO DE
GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito final para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, elaborado pela discente Jordana Vieira Sandes, sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Pereira.

Aprovado em 02 de junho de 2023



Prof. Dr. Rodrigo Pereira (UFAL) – Orientador

Documento assinado digitalmente
 LILIAN KELLY DE ALMEIDA FIGUEIREDO VO
Data: 15/08/2023 20:11:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss (UFAL) – Avaliadora Interna

Documento assinado digitalmente
 ANA PAULA SOLINO BASTOS
Data: 14/08/2023 11:16:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr. Ana Paula Solino Bastos (UFAL) – Avaliadora Interna

Dedico esse trabalho inicialmente a criança que com um pequeno quadro e giz branco, brincava de dar aula em sua garagem, para suas bonecas. Às aulas sobre como formavam-se as nuvens e vulcões, hoje transformam-se em brincadeiras que com toda certeza, estarão para sempre presentes na criança que um dia eu fui e continuarei sendo dentro e fora das salas de aula.

Em seguida, dedico esse trabalho e os últimos anos vividos dentro e fora do Campus do Sertão, a àqueles que ficaram em casa e não mediram esforços para me propor o melhor ensino. Gilda, Cacilda, Gernon e Valdo, dedico principalmente estas linhas, a história da nossa família.

Por fim, não menos importante, a todas as docentes que passaram pela minha história e contribuíram para minha formação. Às aulas, abraços, broncas e diálogos, dedico estes estudos.

AGRADECIMENTOS

Não há como iniciar um dia, um projeto, um ciclo, uma fase da vida sem antes agradecer a Deus por tudo que Ele planeja para minha vida. Então, a Ele, todo meu coração grato e feliz.

Não haveria como iniciar minha vida acadêmica sem o apoio da minha família. A minha avó, por ter depositado suas esperanças para que eu seguisse uma carreira profissional, meu muito obrigada. Aos meus tios Gernon e Valdo, que assumem o papel de pais em minha vida, que durante toda minha trajetória não mediram esforços para me ajudar, a vocês, toda minha gratidão. E em especial a minha mãe. Aquela que há exatamente 26 anos sonha a vida junto comigo. Aquela que por tantas vezes abriu mão de suas vontades para atender as minhas. Aquela que durante os últimos anos sonhou esse sonho junto comigo, a senhora, dona Gildete, todo meu amor. Obrigada por ter me incentivado e me apoiado todos os dias, mesmo que não compreendesse, esteve ao meu lado.

Meu coração também é grato por todos os professores que passaram por minha vida, desde o Jardim I. Todos aqueles que direta e indiretamente cultivaram em mim o amor pela docência.

Em especial aos professores da minha vida acadêmica, vocês que com tanto amor dedicaram manhãs para formarem pedagogos transformadores, que acreditaram e impulsionaram o meu fazer docente. A todos que transformaram minha vida com tanto afeto, zelo e dedicação, meu muito obrigada.

Ao meu querido orientador, professor e amigo, Rodrigo Pereira. Que sempre acreditou em mim e me incentivou nos estudos e crescimento. Foi um prazer aprender com o senhor sobre a importância do currículo em nossas instituições. Minha eterna gratidão e admiração. Sorte de quem pode tê-lo como professor e amigo.

A minha turma de formação, que desde 2016 partilhamos saberes, experiências, afetos, choros e emoções. Levarei comigo um pouco da singularidade de cada um.

Aos companheiros que tornaram-se irmãos: Beatriz, Clara e Otavio. Juntos vivemos momentos ímpares. Juntos brigamos, choramos, gritamos, viajamos, aprendemos, crescemos, passeamos, vibramos as vitórias um dos outros e nos apoiamos em todo esse percurso. Se não fosse a companhia de vocês talvez esse

trabalho não existisse. Então, a vocês, minha eterna gratidão e amor. Em especial a Ana Clara que em um dos corredores da UFAL, ao me ouvir lamentar sobre situações vivenciadas no estágio, levantou a discussão e sugestão sobre o tema desse trabalho. Essa pesquisa é nossa.

Aos meus amigos da vida que me acompanharam nesses anos tão intensos. Que me ouviram por horas contar sobre as aventuras que vivi em salas de aula. Que me ajudaram a pensar aulas e ressignificações da minha prática. Que me incentivaram, me acolheram em momentos que descreditei que conseguiria e me motivaram a concluir essa fase tão difícil da minha vida, meu muitíssimo obrigada.

De modo especial, a Catharine, Camila e Ailton, amigos professores que me inspiram e me encorajam a seguir a docência com afeto, com cuidado e com inovações. Meus sinceros agradecimentos por terem escolhido partilhar essa profissão comigo e não terem me deixado desistir.

Com muita gratidão, a Rita de Cassia que esteve pegando no meu pé, me tirando da zona de conforto e me colocando sempre em reflexão de onde eu queria chegar e estava sempre ressaltando minhas potencialidades.

Ao meu esposo, melhor amigo e maior encorajador, Kauã, que mergulhou nesse estudo junto comigo, me ouvia falar sobre meus pequenos, medos e anseios, mas sonhava junto comigo em concluir essa fase. Obrigada pelo apoio, pelas lágrimas que secou, pela confiança e amor de sempre. Essa é também uma conquista nossa.

E por fim, a mim. Por ter me permitido seguir meu coração, por ter me permitido viver esses anos com intensidade, por ter me desconstruído, reconstruído, ressignificado e crescido como mulher e lutado até o último instante para concluir essa fase.

A Deus, a família, aos professores, amigos, companheiro e a mim, essa conquista é nossa. Obrigada.

*“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria
substância, já que viver é ser livre.”*

Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho, que se utiliza da metodologia narrativa, entendida como uma forma de compreender a experiência humana, onde trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois como enfatiza Sahagoff (p. 1): “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. Assim sendo, este texto visa uma discussão e o despertar de reflexões sobre as formações de identidades de gênero na educação infantil, analisado pelo viés do currículo escolar e da teoria de gênero segundo autores renomados no assunto, com ênfase nas discussões de Joan Scott e Sandra Bem. Percebendo a importância de debater gênero na educação infantil observado a partir de experiências de estágios vividos na etapa inicial da educação infantil, problematiza-se como os educadores estão construindo as identidades das crianças e como os meios sociais trazem influências significativas nessas construções. Ao deliberarmos brincadeiras e ações previstas para gêneros específicos, criamos bloqueios e limites na formação educacional de crianças, com ênfase na educação infantil onde estamos iniciando o processo de formação de personalidades, pensamentos, posicionamentos e compreensões de si, do outro e do mundo. Este trabalho foi realizado com o objetivo de refletir a importância do currículo escolar na estruturação a construção de gênero (em específico feminino e masculino) nas experiências vividas na educação infantil dentro da instituição escolar; compreendendo a educação infantil como espaço primordial no pleno desenvolvimento da criança, viabiliza-se a construção de uma educação respeitosa e que acolha as habilidades e competências estabelecidas para essa etapa, possibilitando o pleno desenvolvimento das crianças de forma livre e acolhedora. Deparamo-nos cada dia mais com a influência do meio social e das ações midiáticas que interferem diretamente na formação educacional. O trabalho gira em torno de frisar a importância da discussão de gênero na educação infantil, refletindo como constrói-se a ideia do feminino e masculino dentro do espaço de educadores, crianças, família e sociedade, afim de compreendermos como podemos contribuir para essa transformação educacional e a importância da formação docente continuada para implementar essas mudanças. Contamos com o suporte teórico de

Scott (1986, 1995,1998), Bem (1981), Moreira e Candau (2007), Farias (2022), Arroyo (2005), dentre outros autores e documentos que norteiam a educação no Brasil, como a BNCC (2017).

Palavra-chave: Currículo; Educação Infantil; Gênero; Sexualidade; Estereótipo.

ABSTRACT

The present work, which uses the narrative methodology, understood as a way of understanding the human experience, where it is a study of lived and told stories, because as Sahagoff emphasizes (p. 1): “a true narrative research is a dynamic process of living and telling stories, and reliving and retelling stories, not only those that the participants tell, but also those of the researchers”. Therefore, this text aims at a discussion and the awakening of reflections on the formation of gender identities in early childhood education, analyzed from the perspective of the school curriculum and gender theory according to renowned authors on the subject, with emphasis on the discussions of Joan Scott and Sandra Bem. Realizing the importance of debating gender in early childhood education observed from experiences of internships lived in the initial stage of early childhood education, it discusses how educators are building children's identities and how social media bring significant influences in these constructions. By deliberating games and actions planned for specific genres, we create blocks and limits in the educational formation of children, with emphasis on early childhood education, where we are starting the process of forming personalities, thoughts, positions and understandings of oneself, the other and the world. This work was carried out with the objective of reflecting the importance of the school curriculum in structuring the construction of gender (specifically female and male) in the experiences lived in early childhood education within the school institution; understanding early childhood education as a primordial space in the full development of the child, it is possible to build a respectful education that welcomes the skills and competences established for this stage, allowing the full development of children in a free and welcoming way. We are increasingly faced with the influence of the social environment and media actions that directly interfere with educational training. The work revolves around emphasizing the importance of gender discussion in early childhood education, reflecting on how the idea of feminine and masculine is constructed within the space of educators, children, family and society, in order to understand how we can contribute to this educational transformation and the importance of continued teacher training to implement these changes. We have the theoretical support of Scott (1986, 1995, 1998), Bem (1981), Moreira e Candau (2007), Farias (2022), Arroyo (2005), dentre outros autores e documentos que norteiam a educação no Brasil, como a BNCC (2017).

Keyword: Curriculum; Child education; Gender; Sexuality; Stereotypical.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. COMPREENDENDO O CURRÍCULO ESCOLAR	05
2.1 Planejamento curricular e suas implicações	12
3. REVISÃO TEORICA SOBRE O CONCEITO DE GENERO SEGUNDO SCOTT..	24
3.1 Concepções e argumentos de gênero da educação infantil segundo Joan Scott.....	15
3.1.2 Formação da identidade de gênero na primeira infância.....	18
3.1.3 Desafios e oportunidades de discutir gênero na educação infantil.....	21
3.2 A sexualidade da educação infantil.....	22
4. REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS INFLUENCIAS PELA ESCOLA, FAMÍLIA E MÍDIA.....	25
4.1 O feminino e masculino na educação infantil.....	25
4.2 Os papéis de gênero na sociedade e suas influencias na educação infantil..	28
4.2.1 Os estereótipos.....	29
4.2.2 A influência da família e mídia na construção das representações de gênero.....	31
4.2.3 Papel dos educadores na perpetuação ou desconstrução dos estereótipos de gênero.....	33
5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	35
6. REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

A produção desse trabalho parte de uma das experiências de estágio que diariamente despertavam inquietações. Vivenciar o primeiro estágio é iniciar uma vida docente e construir suas primeiras experiências como profissional, observando de perto as problemáticas que estudamos ao longo dos anos. Dentro da carga horária na formação plena em pedagogia, propõem-se que os alunos vivam três experiências de estágios afim de compreender na prática as discussões realizadas em salas de aula, além de propiciar a prática em sua profissão. A primeira proposta de estágio é no âmbito de gestão escolar, onde os alunos podem observar a escola como um todo, desde seu regimento às salas de aula, contando também o espaço para fazer seu projeto de intervenção. Assim sendo, a partir dessa primeira experiência, é possível observar os comportamentos de crianças e adolescentes dentro e fora das salas de aula. As atividades e brincadeiras que realizam durante a recepção, intervalo, pausa entre uma aula e outra até a hora da saída. Desta forma, o presente trabalho aborda sobre um relato de estágio que despertou inquietações que levaram a pesquisar e aprofundar as observações referentes as discussões de gênero dentro do espaço escolar. Ao deparar-se com o segundo estágio, onde é possível vivenciar de perto a rotina das crianças no espaço de educação infantil, mais especificamente, em uma turma de Jardim, observa-se de forma recorrente as falas e comportamentos de um grupo de meninos, que rotineiramente reproduziam comportamentos machistas e limitantes que separavam meninas e meninos de atividades diárias. O presente trabalho aborda de forma mais debruçada, relatos de estágios onde foi possível encontrar inquietações e que era possível uma intervenção mais respeitosa e acolhedora.

Em uma determinada turma de Jardim I, com média de 30 crianças, a aula foi planejada para desenvolver noções de proporção, espaço, quantidade e atividade em grupo, que consistia em todas as crianças fazerem uma receita de brigadeiro dentro da sala de aula, com materiais ofertados pela professora, onde cada criança iria fazer sua mistura e criar seu próprio docinho, podendo sentir a textura, deixar no formato e tamanho que quisesse e também nas quantidades que desejassem. Diante do início da atividade, observou-se a negação de duas crianças do sexo masculino em participar, pois, estas afirmam que essa era uma atividade para mulheres e eles como homens não podiam fazer, iam apenas esperar para hora de

comer, enquanto jogavam bola, pois era dessa forma que se fazia as coisas. Vale ressaltar que estas crianças tinham entre 4 e 5 anos e que a maioria dos amigos concordavam com a fala desse aluno.

Ao observar esse comportamento na sala de aula e correlacionar com outras atitudes que partiam dos mesmos alunos, como a insistência em brincar apenas de futebol, não querer participar de momentos de danças e jogos que não fossem de força, despertou-se o desejo de compreender o porquê de tais pensamentos já estarem presentes nessas crianças tão pequenas, visto que como nos apresenta o educador Jonh Locke 'a criança é como uma folha em branco na qual são registradas as várias experiências', ou seja, aprendemos através da observação e reprodução das atividades registradas, nascemos inatos de quaisquer pensamento. Contrariando esse pensamento, encontramos Corsaro com a sociologia da infância que 'indica-nos uma criança agente e produtora de cultura, de uma cultura que lhe é própria, mas que se relaciona com a cultura mais ampla de um processo de reinterpretação e reconstrução'. Logo, temos a proposta de que as crianças já nascem com suas próprias personalidades e que já se posicionam desde seu nascimento. Seguindo pelas duas vias de pensamento, nos deparamos com os seguintes questionamentos: De onde surge esse pensamento tão firme sobre comportamentos masculinos e femininos? O que as crianças estão aprendendo dentro e fora do ambiente escolar? Quais meios tem-lhes influenciado? Como a escola têm contribuído nessas construções?

Dessa forma, compreendendo que a escola é o primeiro ambiente que a criança é inserida fora do seu contexto familiar, o currículo escolar carrega consigo a função de elaborar como estas crianças compreendem as noções básicas de feminino, masculino e atividades pertencentes a tais gêneros. Vale salientar que em nossa sociedade atual tratamos de gênero com uma ampla diversidade de nomenclaturas, como a sigla LGBTQ+, em ordem: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers e o símbolo de "+" representa toda e qualquer outra manifestação de gênero que não está delimitada. Contudo, neste trabalhamos estreitamos as discussões apenas para o feminino e masculino, visto que foram os termos presentes nas salas de aula e nas falas dos alunos.

Pensando então nessas experiências vividas pelos alunos, é preciso elaborar um currículo que estruture essas construções de gênero e ressignifique as identidades menos tradicionais dentro do espaço escolar, já que cenas de

reprodução de tal pensamento se repetem também fora da sala de aula, como um exemplo marcante nas conhecidas aulas de educação física (segundo a BNCC/2017, dos eixos norteadores: corpo, gestos e movimentos) que são sempre marcadas pelo futebol para os meninos e bonecas e casinha para as meninas, assim como as brincadeiras no recreio que também são segregadas pelos gêneros consciente e inconscientemente.

Observando o currículo escolar em sua importância para a escola, como nos ensina MOREIRA E CANDAU: “o currículo é o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração” (2007, p. 19). Percebemos que há uma importante discussão a ser feita diante dessas situações, visto que precisamos articular cuidadosamente em todas as experiências que as crianças vivem dentro do espaço escolar, afim de construirmos seres pensantes e que não reproduzam pensamentos e ações que compactuem com o preconceito e reprodução do machismo. Desta forma, este trabalho objetiva refletir e discutir as seguintes inquietações:

1. Compreender como a importância do currículo escolar e seu planejamento são fundamentais para a instituição escolar;
2. Refletir como a escola planeja as experiências das crianças da educação infantil na perspectiva de identificação de gênero;
3. Debater como forma-se a construção do feminino e masculino nas experiências das crianças;

Diante das inquietações vivenciadas dentro da sala de aula como a negação dos alunos ao participar da aula com a receita de comida produzida por eles, a não participação nas brincadeiras de danças, a insistência em brincar de futebol na aula de educação física e a resistência a não brincar junto das meninas, despertou o desejo de pesquisar a importância de abranger as discussões de planejamento curricular atendendo as demandas de gênero e mudanças sociais desde a educação infantil, logo, precisamos discutir quais planejamentos são pensados para contribuir na desconstrução dessa educação tradicional e ressignificar uma educação aberta a diálogos e novas vivências, construindo ações transformadoras. A pesquisa não

busca o fim de uma discussão, mas provocar no leitor mais inquietações e aprofundar as pesquisas nesse âmbito.

Em função dessas inquietações buscamos compreender conceitos básicos para aprofundar a pesquisa e nos debruçarmos no trabalho, como os estudos de Moreira e Candau (2007) para compreender currículo e planejamento curricular, as pesquisas de Scott (1995) nas discussões de gênero e educação, Sandra Bem, na sua teoria do esquema de gênero e breves análises sobre a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Com isso, nos propomos a pensar novas vertentes para as experiências escolares partindo de toda estrutura da escola, construindo então uma educação transformadora, inclusiva e menos tradicional.

A seguir, apresentamos brevemente os capítulos que compõem esta pesquisa. O primeiro capítulo, traz a síntese sobre currículo escolar, segundo a teoria de MOREIRA E CANDAU, sinalizando também a importância de um planejamento escolar adequado às necessidades da escola. O segundo capítulo apresenta uma breve revisão teórica sobre o conceito de gênero com ênfase em Joan Wallach Scott (1995), que norteiam as discussões sobre essa pesquisa contribuindo para o terceiro e último capítulo sobre as construções das representações de gênero masculino e feminino para crianças na Educação Infantil, com as interferências familiares e também das mídias sociais.

2. COMPREENDENDO O CURRÍCULO ESCOLAR

Antes de nos aprofundarmos sobre a temática em questão, precisamos compreender o currículo escolar como um todo, como o ser pensante e agente transformador na instituição escolar. Como bem explica Moreira e Candau:

As indagações sobre o currículo presentes nas escolas e na teoria pedagógica mostram um primeiro significado: a consciência de que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico. As indagações revelam que há entendimento de que os currículos são orientados pela dinâmica da sociedade. Cabe a nós, como profissionais da Educação, encontrar respostas. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p.9)

Compreendendo esse contexto da importância do currículo escolar para as instituições, cabe refletir em como as escolas estão pensando nas práticas educativas de suas crianças, agregando a elas o conhecimento do eu, corpo, espaço e tempo, respeitando suas diferenças entre gêneros, mas fazendo-os de maneira inclusiva e não estereotipada por conceitos de “isso é de menina, isso é de menino”.

Ao pensarmos no currículo como englobador de práticas sociais, pensamos então em como a sociedade é diversa, plural e construída de diversos povos, culturas e etnias, caracterizando por vivências amplas, e não por segmentos preconceituosos cultivando para o desenvolvimento de crianças engessadas em práticas segregadoras. Assim sendo, percebe-se a importância de trabalhar questões de gênero desde o período da infância, ou seja, na educação infantil, onde acontece a construção de conhecimentos e de valores, éticos, sociais e culturais. Como nos esclarece Finco:

As experiências de gênero são vivenciadas desde as idades mais precoces, quando as crianças aprendem desde bem pequenas, a diferenciar os atributos ditos femininos e masculinos”, muitas vezes essas práticas são reproduzidas e produzidas no contexto da Educação Infantil evidenciando uma prática discriminatória, onde é evidenciado o papel do menino e o papel da menina e a demarcação das fronteiras de gênero. (FINCO, 2010, p.52)

Partindo do pressuposto do autor acima, vivenciando a sala de aula com suas várias experiências, podemos perceber como essas questões estavam presentes no dia a dia das crianças e nas práticas dos professores, como no planejamento da própria escola. Desde a entrada das crianças na instituição, onde os meninos podem correr pois são fortes e as meninas devem ir andando devagar pois são “sensíveis”, como também nas atividades de sala de aula como contação de histórias com personagens já programados e selecionados com seus gêneros, até as atividades fora da sala de aula, que devem ser planejadas pelo currículo escolar pois também geram desenvolvimento nas crianças. Com isso, percebe-se a necessidade de planejamento pedagógico contemplado e alinhado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e um suporte aos educadores para pensarem e executarem práticas transformadoras desde a educação infantil, sem deixar de lado a relação família-escola nesse processo de formação da criança.

O currículo escolar desempenha um papel fundamental no processo de educação, pois define os objetivos de aprendizagem, os conteúdos a serem ensinados e as estratégias pedagógicas a serem adotadas. Nesse documento estabelece as diretrizes para a organização e desenvolvimento do processo educativo em uma instituição de ensino, no qual define conhecimentos, habilidades e valores que serão ensinados aos alunos em cada nível de ensino, além de orientar os professores na seleção de métodos e recursos didáticos. O currículo busca desenvolver habilidades cognitivas, socioemocionais e éticas nos estudantes. Além disso, promove-se a aquisição de conhecimentos relevantes em diversas áreas do saber, preparando os educandos para uma participação ativa e crítica na sociedade.

O currículo escolar também desempenha um papel importante na promoção da equidade educacional. Essa equidade necessariamente relacionada a localidade em que a escola está inserida, a situação social que a comunidade escolar apresenta, as formas culturais pré-estabelecidas, são aspectos que não devem estar desvinculados dos conceitos de currículos escolares. Como é previsto na Constituição Federal de 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.124)

Apoiados na constituição federal (1988), observa-se como fator indispensável, que o currículo apresente estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas de grupos marginalizados ou com dificuldades de aprendizagem, como educandos com deficiência, diferentes etnias ou situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, o currículo contribui para a inclusão e para a valorização da diversidade no ambiente escolar, perpassados em uma educação para todos.

Pensando no currículo para educação infantil, não se pode estar arraigado no sentido ou esperança de pensamento da criança do “vir a ser”, criança como futuro, de forma relevante, conceituar o tempo de aprendizagem nos moldes da infância e que esta consiga fortalecer seus conceitos e conseqüentemente saberá lidar com as situações, no tempo de adolescência, vida adulta ou em qualquer das fases da vida. Preparando de fato, para emancipação humana, desenvolvendo competências como o pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas, a colaboração, a comunicação efetiva e a criatividade. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular-BNCC, o currículo da Educação Infantil deve considerar:

O respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental, valorizando e promovendo a equidade, a justiça social, a cultura da paz e os direitos humanos, em especial os direitos das crianças, das mulheres, das pessoas com deficiência, dos negros, dos povos e comunidades tradicionais, dos idosos, das populações do campo, da cidade e das florestas, e dos indígenas" (BRASIL, 2018, p. 22).

Observa-se a partir da reflexão supracitada a necessidade de uma educação que respeite e valorize a identidade e a cultura das crianças, buscando promover uma formação integral e o pleno exercício da cidadania desde os primeiros anos de vida.

Quanto ao currículo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), estabelecidas pela Resolução CNE/CEB nº 4/2009, definem princípios, fundamentos e procedimentos para a organização do currículo nessa etapa. O currículo deve ser organizado de forma integrada, contemplando as diferentes áreas do conhecimento, enfatizando a importância do brincar, reconhecendo-o como uma forma privilegiada de expressão, interação, aprendizagem e construção de conhecimento. Além disso, promovendo a parceria entre escola e família como elemento fundamental para o desenvolvimento infantil.

Se o currículo escolar corresponde pelos movimentos das crianças inclusas na escola, devemos discutir gênero e sexualidade dentro de um contexto infantil que

direcione os conteúdos e as práticas atendendo a linguagem da criança, as demandas singulares de cada aluno/turma/período. Não podemos pensar em crianças como seres iguais, com práticas igualitárias e atividades programadas como um todo. É preciso dedicar tempo, espaço e planejamento para construir um espaço democrático, que atenda as especificidades de cada criança e dê-lhe o espaço de desenvolvimento, de escuta, de descoberta e de conhecimento de si e do outro, permitindo o conhecimento do seu corpo, espaço, suas qualidades e aprendendo a respeitar a do outro como ser diferente, por isso firma-se cada vez mais a importância da formação continuada, para que os educadores acompanhem as mudanças que a sociedade, conseqüentemente os alunos, vivem.

Todos constatarem as mudanças que vêm acontecendo na consciência e identidade profissional dos(as) educadores(as). Todos coincidem ao destacar as mudanças nas formas de viver a infância e a adolescência, a juventude e a vida adulta. O que há de coincidente nessas mudanças? Educadores e educandos se vendo e sendo reconhecidos como sujeitos de direitos. Esse reconhecimento coloca os currículos, o conhecimento, a cultura, a formação, a diversidade, o processo de ensino-aprendizagem e a avaliação, os valores e a cultura escolar e docente, a organização dos tempos e espaços em um novo referente de valor: o referente ético do direito. Reorientar o currículo é buscar práticas mais conseqüentes com a garantia do direito à educação. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 12)

De acordo com os autores, as análises de comportamentos dos educadores, a escuta dos educandos às necessidades de mudanças para um espaço mais acolhedor e aberto ao diálogo, dando espaço a imaginação e a liberdade da criança no brincar, aprender, ensinar, desenvolver, crescer; norteiam cada vez mais para a reorganização do espaço escolar possibilitando uma educação mais humana e acolhedora.

Como bem citado por Moreira e Candau (2007), está cada vez mais notório o desenvolvimento das crianças, adolescentes e adultos como sujeitos de direitos, dessa forma, devemos ter um olhar sensível ao que diz respeito aos direitos das crianças em serem educadas em espaços livres e preparados para observar, planejar e acolher aquela criança em seus direitos de brincar, aprender e se movimentar de forma respeitosa e atendendo as diferenças presentes na sociedade. Como por exemplo, na experiência que vivenciada ao acompanhar a aula de educação física onde as meninas não podiam brincar de bola pois era jogo de menino, cabe observarmos, onde está o direito e o respeito a essa criança de brincar do que gosta? Do que ela gostaria de desenvolver naquele momento? Será

que uma simples brincadeira de bola iria educa-la de maneira diferente do que deveria ser? Ou iria possibilitar a ela o desenvolvimento de espaço, tempo, movimento e relação em grupo, criando assim uma aula interdisciplinar promovendo aprendizados dinâmicos e criativos com resultados imediatos para uma aluna?

A competição, no entanto, que é frequentemente enfatizada na formação masculina, parece dificultar que meninos e jovens "se abram" com seus colegas, expondo suas dificuldades e fraquezas. Para um garoto (mais do que para uma garota) tornar-se um adulto bem sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser "muito bom" em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino "obrigatório"(LOURO, 2000, p. 15).

Louro traz para nós como os meninos são diretamente influenciados a serem "machos", fortes, firmes, e com interesses destinados ao futebol, que os levarão futuramente ao sucesso, pois desde muito novos, já reforçaram os atributos necessários para ser um bom homem. Mas, é possível e necessário, olhar para além desses comportamentos predestinados a meninos e homens. A escola e sociedade têm o dever de ofertar possibilidades onde homens possam ser sensíveis e mulheres possam brincar de bola sem serem vistas como "machões".

Dentro do espaço escolar, compreendendo currículo escolar por Candau (2007), desperta em nós a necessidade de um olhar atento para as vivências das crianças em seus espaços de desenvolvimento. Sendo o currículo o estruturador dessas experiências, cabe-nos o planejar e desenvolver práticas que permeiem uma transformação nas crianças, como podemos observar as transformações na sociedade.

Para Finco "As experiências de gênero são vivenciadas desde as idades mais precoces, quando as crianças aprendem desde bem pequenas, a diferenciar os atributos ditos femininos e masculinos", muitas vezes essas práticas são reproduzidas e produzidas no contexto da Educação Infantil evidenciando uma prática discriminatória, onde é evidenciado o papel do menino e o papel da menina e a demarcação das fronteiras de gênero (FINCO, 2010, p.52)

Compreendemos pela reflexão acima, se logo na primeira infância as crianças já se percebem como diferentes umas das outras (meninas-meninos) e questionam suas diferenças, é importante repensarmos como estamos estruturando a escola e os pais para as informações corretas sobre essas descobertas. Se o lar é a primeira

experiencia da criança com essas descobertas, a família precisa ser orientada de como fazer as intervenções e explicações necessárias de forma esclarecedora para a criança. A escola como o segundo lugar de convívio dessas crianças, devem estar preparadas para as descobertas, questionamentos e inquietações destas. Com isso fica cada vez mais nítido a importância da relação família-escola, segmentadas em um bom planejamento escolar.

Pensando o currículo como guia da experiência que o aluno obtém na escola, como um conjunto de responsabilidades da escola para promover uma série de experiências consciente e intencionalmente para as crianças, cabe-se elaborar um planejamento que abranja intencionalmente as identidades das crianças participantes do espaço escolar afim de proporcionar determinados objetivos intencionais em um momento de atividade. “Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção” (LOURO, 2000, p.14)

Ao pensarmos em uma sala de aula com a média de 30 crianças, estamos lidando com 30 individualidades, com diferentes identidades, vivências e especificidades, que devem ser respeitadas e programadas com atividades que respeitem e ajam de forma intencional no desenvolvimento de cada criança. Assim surge o planejamento curricular cauteloso, estruturado para atender o nível de aprendizagem de cada criança, suas relações religiosas, suas relações familiares e muitos outros pontos que estão presentes no cotidiano de cada uma, que podem não ser da mesma realidade para criança X ou Y. Pensemos na seguinte hipótese:

A criança “A”, é preta, tem pais separados, mora com o pai que vive uma relação homossexual e com sua irmã mais velha, que é branca. Diante dessas descrições de vivência, a professora “X” precisa estruturar sua aula de forma acolhedora sobre a formação da família biológica, mas sem deixar de lado o cuidado ao falar sobre o convívio familiar ao qual essa criança está vivendo. Ao planejar a aula sobre os diferentes tipos de famílias, para que a criança não se sinta excluída das “famílias tradicionais” e consiga reconhecer na história, sua família também. Da mesma forma, na estruturação de uma aula sobre os tons de peles, onde a aluna “A” tem a cor diferente da sua irmã mais velha. A criança precisa sentir-se acolhida diante das diferenças, para isso, a professora “X” precisa articular um planejamento pedagógico acolhedor, tendo consciência da importância dessa criança sentir-se

respeitada na sua identidade, e não inserida em uma situação que acarretará em preconceito.

No planejamento também se faz necessário a discussão do tema de sexualidade dentro do espaço infantil, importante frisar que as discussões de sexualidade não são sobre sexo. Em nenhum momento nos propomos a discutir sexo com crianças.

A sexualidade está presente desde o nascimento e é ativada pelas relações que o bebê estabelece com os pais e as pessoas que lhe são próximas. As primeiras experiências sexuais são sentidas pelo corpo e se constituem como forma de aprendizado para a criança que sente e descobre significados do mundo por meio das sensações e do contato corporal com as pessoas e o meio físico (SILVA, 2021, p.4).

Na educação infantil, as crianças exploram sua sexualidade por meio das interações e as brincadeiras, logo, se faz necessário que o professor tenha em mente que a sexualidade está em tudo e é para todos, sendo impossível excluí-la da sala de aula e reforçando cada vez mais a necessidade de ser bem vivida no dia a dia, tornando o desenvolvimento da criança integral e interativo. Muitas vezes os professores ignoram as curiosidades das crianças sobre sexualidade ou respondem seus questionamentos de forma fantasiosa, criando histórias que nem existem, causando uma confusão na mente da criança. Nota-se então, o despreparo do currículo escolar para se trabalhar esse tema dentro e fora da sala de aula, causado muitas vezes pelos preconceitos e raízes em que os professores/gestores foram criados.

É possível planejar essas desconstruções dentro da sala de aula através de atividades lúdicas e brincadeiras simples, unindo informações, habilidades e campos de desenvolvimento, afim de desenvolver habilidades pré-estabelecidas no planejamento de aula tornando-a muito mais atrativa.

As crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo. Engatinham, caminham, manuseiam objetos, correm, saltam, brincam sozinhas ou em grupo, com objetos ou brinquedos, experimentando sempre novas maneiras de utilizar seu corpo e seu movimento. Ao movimentar-se, as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais. O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1988, p. 15).

Desse modo, é por meio da interação com as demais crianças e das brincadeiras vivenciadas, que a criança descobre seu próprio corpo e, conseqüentemente, sua sexualidade. Os pequenos são bombardeados com informações que chegam de todos os lados e, muitas das vezes de forma não pedagógica. A maneira como essas informações são assimiladas na cabeça da criança, podem resultar em estereótipos e pensamentos enraizados sobre sexualidade, construindo confusões e comportamentos reprodutores de práticas machistas, causando as segregações de gêneros.

2.1 Planejamento curricular e suas implicações

Mas se até agora tanto questionamos e destacamos a necessidade de se construir novas práticas escolares regidas pelo currículo escolar, de onde vêm a problemática para o não cumprimento desses novos conceitos educativos?

Ao pensarmos a escola como um todo, notamos a extrema necessidade de se aplicar uma escola participativa, dialogada entre comunidade-escola. Entre outros fatores como a falta de estrutura para tais mudanças, o comportamento reprodutivo dos docentes-sociedade nas práticas de preconceitos e intitulações de gênero e a iniciativa das crianças em comportamentos reprodutivos que carregam de suas casas/turmas/vivências anteriores. Tudo isso causa implicações nítidas e tornam o processo de transformação ainda mais desafiador.

O planejamento curricular na educação infantil baseado em campos de experiência é uma abordagem que busca organizar as práticas pedagógicas em torno de situações significativas de aprendizagem, considerando as diferentes áreas do conhecimento e as necessidades das crianças nessa etapa, presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil, com um olhar cuidadoso e minucioso para;

1. **Desconstrução de estereótipos:** O planejamento curricular fundamentado em campos de experiência oportuniza romper com estereótipos de gênero tradicionalmente presentes na sociedade. Proporciona um ambiente onde meninos e meninas podem explorar livremente diferentes interesses, atividades e brincadeiras, sem limitações impostas por padrões preestabelecidos.

2. Valorização da diversidade: O currículo baseado em campos de experiência enfatiza a valorização da diversidade de gênero. Incentiva a reflexão sobre a existência de diferentes identidades de gênero e a importância de respeitar e acolher as singularidades de cada indivíduo. As crianças são estimuladas a reconhecer que todas as formas de expressão de gênero são válidas e devem ser respeitadas.
3. Promoção da igualdade de gênero: O planejamento curricular busca promover a igualdade de gênero desde a infância. Ao trabalhar com os campos de experiência, é possível abordar temáticas relacionadas à equidade de gênero, destacando a importância da igualdade de direitos, oportunidades e responsabilidades entre meninos e meninas.
4. Inclusão e respeito: O currículo baseado em campos de experiência promove a inclusão de todas as crianças, independentemente de sua identidade de gênero. Busca-se criar um ambiente seguro e acolhedor, livre de discriminação, preconceito e bullying relacionados ao gênero.
5. Reflexão crítica: O planejamento curricular baseado em campos de experiência propicia momentos de reflexão crítica sobre as construções sociais de gênero. As crianças são incentivadas a questionar e analisar os papéis de gênero atribuídos pela sociedade.
6. Parceria com as famílias: O envolvimento das famílias é fundamental nesse planejamento curricular. As famílias são convidadas a participar das atividades, dialogar sobre gênero e compartilhar suas experiências, contribuindo para uma educação mais contextualizada e enriquecedora.

Como assegura Arroyo (2005) “a educação não pode ser neutra em relação às questões de gênero, pois é através dela que podemos transformar as estruturas de poder e promover a emancipação e a equidade de todas as pessoas”. Desta forma, o próximo capítulo apresenta uma breve explicação sobre gênero, afim de compreendermos de forma prática dentro das salas de aula e pensarmos em meios para que possamos ressignificar o meio educacional atual, através de práticas inclusivas, professores atualizados e uma escola participativa.

3. REVISÃO TEÓRICA SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

Nos estudos relacionados a Educação Infantil podemos notar dois vieses que permearam durante toda a história de educação das crianças. A primeira, ligada ao cuidado da criança pequena com um apelo assistencialista, onde as crianças menos favorecidas economicamente eram atendidas em período integral e vistas como seres incapazes de participar da sociedade, ou também como “adultos em miniatura”. O segundo viés, foca na aprendizagem da criança nas instituições denominadas como pré-escolas ou jardins de infância, onde a criança frequentava apenas em período parcial e eram vistas e reconhecidas por terem vontades e desde muito novas serem capazes de tomar atitudes e interferir no mundo a sua volta. Podemos perceber então como a trajetória da Educação Infantil está direta e indiretamente ligada ao movimento feminista, entrelaçando a luta dos direitos das mulheres e das crianças por uma sociedade justa e inclusiva.

A educação infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, não apenas em termos cognitivos e socioemocionais, mas também na formação de sua identidade de gênero e compreensão da sexualidade e mundo ao seu redor. Neste capítulo, abordaremos a importância de discutir questões de gênero e sexualidade na educação infantil, considerando o contexto social e as necessidades das crianças nessa fase inicial e crucial de suas vidas. O objetivo principal deste capítulo é compreender o conceito de gênero segundo autores que protagonizam essas discussões, como Joan Scott e Sandra Bem, e explorar como a abordagem de gênero e sexualidade na educação infantil pode contribuir para uma educação mais inclusiva e equitativa. Além disso, busca-se compreender como as concepções de gênero e sexualidade das crianças se formam nesse período e como os educadores podem promover um ambiente seguro e acolhedor para todos, desde que esses educadores estejam conscientes e informados sobre as mudanças e avanços da sociedade, principalmente nas relações de gênero. Destaca-se ainda a importante influência da formação de identidade de gênero na primeira infância e a relevância da educação sexual inclusiva para o desenvolvimento saudável das crianças, na conscientização e democratização de suas ações desde muito novas até a idade adulta.

Ao final do capítulo, espera-se despertar no leitor, uma compreensão da importância de discutir questões de gênero e sexualidade na educação infantil e também o acompanhamento do docente em sua formação continuada e a preparação para lidar com questões delicadas, mas de extrema importância para uma transformação educacional.

3.1. Concepções e argumentos de gênero da educação infantil segundo Joan Scott.

Ao falarmos de gênero nos propomos a um grande e delicado desafio, entender as concepções que envolvem esse conceito que ainda é pouco abordado. Para iniciarmos, recorreremos a uma fala de Louro que reafirma para nós a importância dessas discussões nos processos educacionais.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, p. 3, 1995)

Louro reafirma para nós como estamos a todo momento formando e sendo formados. As concepções de gênero são formadas através de nossas vivências em casa, nas escolas, nas igrejas, nos grupos que fazemos partes, nas redes sociais e afins. Dessa forma, não há como negar a importância de compreendermos conceitos de gêneros em suas pluralidades e reforçarmos a maneira como educamos as crianças afim de construirmos uma sociedade livre e inclusiva.

Para além disso, abordaremos também à teoria de gênero de Joan Wallach Scott, historiadora, militante e estudiosa dos assuntos feministas. Para compreender a abordagem de gênero na educação infantil, é fundamental estabelecer um entendimento claro do conceito de gênero.

Gênero refere-se aos papéis, comportamentos, atividades e características que uma determinada sociedade considera apropriados para homens e mulheres.

Diferencia-se do sexo biológico, que se refere às características físicas e fisiológicas que distinguem machos e fêmeas.

O conceito de gênero e sua construção social são temas fundamentais para compreender as relações de poder, desigualdade e identidade nas sociedades contemporâneas. Joan Scott, renomada teórica feminista, contribuiu significativamente para o campo dos Estudos de Gênero ao desenvolver uma abordagem analítica e crítica sobre o tema. Segundo Scott (1986), gênero não é apenas uma característica individual, mas uma categoria socialmente construída e historicamente contextualizada.

De acordo com Scott (1986), o gênero é uma construção social complexa que vai além da dimensão biológica do sexo. Gênero é uma categoria analítica que questiona a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são naturais e imutáveis, também como discutido recentemente entre as feministas, “é como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos.” Argumenta-se que as identidades de gênero são produzidas e mantidas por meio de práticas discursivas, estruturas de poder e instituições sociais. Essa perspectiva destaca que o gênero não é uma essência fixa, mas uma construção mutável e sujeita a diferentes interpretações e significados em diferentes contextos culturais e históricos.

Por “gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15)

Como bem frisado por Scott, a construção social do gênero relaciona-se com normas, valores e construções culturais. A sociedade estabelece padrões de comportamento, papéis e atribuições específicos para homens e mulheres, de acordo com suas percepções de masculino e feminino. Essas normas são internalizadas e reproduzidas por meio de processos de socialização, que ocorrem desde a infância por meio de interações familiares, educacionais e hoje, fortemente, pela mídia, sendo reforçados sempre pela política, como ainda nos afirma Scott:

O gênero, então fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) buscam encontrar maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelos quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995, p. 89)

Uma contribuição significativa de Scott que norteia as discussões de gênero, é sua análise crítica entre a relação entre gênero e poder. Ela argumenta que as relações de poder permeiam todas as esferas da vida social, incluindo as interações de gênero. Através de uma perspectiva feminista, Scott enfoca como as estruturas de poder patriarcais perpetuam desigualdades entre homens e mulheres, reforçando a subordinação feminina e a dominação masculina.

Ao examinar a construção social do gênero, Scott questiona a naturalização das diferenças de gênero e a percepção de que elas são imutáveis e biologicamente determinadas. Desafia-se a noção de uma essência feminina ou masculina, argumentando que o gênero é uma performance socialmente construída, assim sendo, Grossi vem nos enfatizar como é forte a representação de gênero em nós:

Um psicólogo norte-americano chamado Robert Stoller (1978), o qual estudou inúmeros casos de indivíduos considerados à época "hermafroditas" ou com os genitais escondidos e que, por engano, haviam sido rotulados com o gênero oposto ao de seu sexo biológico, diz uma coisa impressionante: que é " mais fácil mudar o sexo biológico do que o gênero de uma pessoa". Para ele, uma criança aprende a ser menino ou menina até os três anos, momento de passagem pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem. Este é um momento importante para a constituição do simbólico, pois a língua é um elo fundamental do indivíduo com sua cultura. Para Stoller (1978), todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. (GROSSI, 1978, p.8)

As identidades de gênero são constantemente negociadas e reafirmadas por meio de práticas cotidianas, linguagens, representações simbólicas e discursos sociais. Uma criança não nasce sabendo sobre gênero. Ela não nasce sabendo quais são as atribuições masculinas e femininas na sociedade, sendo assim, a criança é conduzida à aprendizagem através do meio que a rodeia. Percebe-se, portanto, a extrema necessidade de discutirmos esses temas na primeira infância, onde a criança será ensinada de maneira livre sobre o que é possível para ela a nível de aprendizado e desenvolvimento, e não aos termos de gêneros.

Em síntese, Joan Scott oferece uma perspectiva analítica e crítica sobre o conceito de gênero e sua construção social, destacando a importância de compreender o gênero como uma categoria socialmente construída e historicamente situada, que é moldada por normas culturais e relações de poder. Essa abordagem, desafia as noções essencialistas e binárias de gênero, enfatizando a fluidez e a complexidade das identidades de gênero em diferentes contextos sociais. Suas contribuições têm sido fundamentais para a compreensão das desigualdades de gênero e para a luta por uma sociedade mais igualitária e inclusiva, trazendo uma referência ao pensarmos nessa discussão de formação para a etapa de educação infantil.

3.1.2 Formação da identidade de gênero na primeira infância.

A construção da identidade de gênero na primeira infância é um processo complexo e sofre influência de diversos fatores, como as interações sociais, ambiente familiar, brincadeiras, mídia e modelos de comportamento. Durante esse período crucial de desenvolvimento, as crianças começam a construir uma compreensão de si mesmas como meninos, meninas ou em alguns casos, não se identificam com nenhum.

Desde a primeira infância, as crianças são expostas a mensagens e expectativas sobre o que é ser menino ou menina em suas interações cotidianas, como da mesma forma, sofrem desaprovações se agem como “sexo oposto”. As famílias desempenham um papel importante na socialização de gênero, transmitindo valores, normas e comportamentos associados a papéis de gênero tradicionais. Por exemplo, as meninas podem ser encorajadas a serem dóceis, delicadas e cuidadoras, enquanto os meninos são incentivados a serem fortes, corajosos e assertivos. De toda via, não há como continuar afirmando que crianças já nascem com as predefinições do que podem ou não fazem dependente do seu gênero, como afirma Braga:

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher, ou melhor, as diferenças anatômicas de se nascer macho ou fêmea. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA *apud* BRAGA, 2010, p.206).

Para além da família, o ambiente escolar desempenha um papel significativo na formação da identidade de gênero e como afirma Louro (1997) os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação contribuem para as diferenças de gênero nas séries iniciais. As crianças aprendem e internalizam comportamentos e características de gênero ao observarem como seus colegas se comportam e ao receberem feedbacks sociais. De maneira que podem enfrentar pressões sutis ou explícitas para se adequarem às normas de gênero estabelecidas em seu grupo social, obrigando-as a seguirem as denominações condizentes ao seu gênero.

Como as infâncias das crianças são caracterizadas por brincadeiras, tanto em casa como na escola, tais brincadeiras desempenham um papel importante na formação da identidade de gênero na primeira infância. As crianças tendem a se envolver em brincadeiras que são socialmente consideradas apropriadas para o seu gênero, como meninos brincando de super-heróis e meninas brincando de bonecas. Reforça-se ainda como meninos são conduzidos a brincadeiras mais sociais e públicas, enquanto meninas são orientadas a brincarem sozinhas ou em pequenos grupos, dentro de suas casas ou em espaços vigiados por adultos. Essas brincadeiras ajudam as crianças a explorar e internalizar os papéis e estereótipos de gênero prevalentes em sua cultura. Destaca-se aqui então a importância dos educadores planejarem com consciência de inclusão e respeito, como discorreram as brincadeiras afim de não reforçarem os estereótipos esperados pela sociedade.

É importante ressaltar que a formação da identidade de gênero é um processo individual e que as crianças podem apresentar diferentes comportamentos e reações às atividades diárias. Algumas crianças podem se identificar fortemente com o gênero atribuído ao nascimento, enquanto outras podem questionar e explorar diferentes identidades de gênero ao longo do tempo, e percebemos isso em atividades simples dos dia-a-dia, como nas formas de se vestir, nas descobertas do cotidiano, por exemplo.

Em suma, a formação da identidade de gênero nessa primeira infância torna-se um processo influenciado por diversas interações sociais, experiências e contextos culturais. É fundamental propiciar um ambiente inclusivo e respeitoso, que permita às crianças explorarem e expressarem sua identidade de forma livre e autêntica. Ao criar esse ambiente, estamos contribuindo para o desenvolvimento

saudável e o bem-estar de todas as crianças, independentemente de sua identidade de gênero.

Sandra Bem, psicóloga e pesquisadora renomada, desenvolveu a teoria do "esquema de gênero" para entender a formação da identidade de gênero, incluindo na primeira infância. De acordo com Bem, as crianças desenvolvem representações cognitivas, chamadas de esquemas de gênero, que consistem em ideias e crenças sobre o que é ser menino ou menina em sua cultura. Esses comportamentos são reforçados pelo meio em volta da criança por recompensas ou punições. Por exemplo, muitas vezes os meninos são recompensados por seguirem modelos que a sociedade e cultura denominam apropriados ao comportamento dele. Eles são elogiados por imitarem seus pais, fazerem gols ou dar bons dribles nos caminhões de brinquedos, enquanto são repreendidos por brincarem de bonecas ou escolher vestir uma roupa rosa. De acordo com Bem, as crianças internalizam essas informações e organizam-nas para entender-se e comparar o certo e o errado.

Bem (1981) argumentou que esses esquemas de gênero são adquiridos principalmente por meio da socialização e da observação de modelos de comportamento de gênero. Durante a primeira infância, as crianças estão expostas a estereótipos de gênero e normas sociais que moldam suas percepções sobre como devem se comportar, quais brinquedos devem preferir, quais atividades são apropriadas e assim por diante.

De acordo com a teoria de Bem, as crianças internalizam esses esquemas de gênero e os utilizam para organizar e interpretar informações sobre si mesmas e sobre o mundo à sua volta. Elas aprendem a identificar e imitar os comportamentos considerados adequados para seu gênero, enquanto rejeitam ou evitam os comportamentos associados ao gênero oposto.

No entanto, Bem também enfatizou que os esquemas de gênero não são rígidos nem imutáveis. As crianças têm a capacidade de questionar e desafiar as normas de gênero estabelecidas, especialmente quando são expostas a diferentes modelos de comportamento e têm a oportunidade de experimentar diferentes papéis de gênero.

Sandra Bem defendeu a importância de criar um ambiente que permita às crianças uma maior flexibilidade e liberdade na expressão de sua identidade de gênero. Ela propôs a promoção de papéis de gênero andróginos, nos quais as

características e comportamentos considerados masculinos e femininos são valorizados em todas as pessoas, independentemente de seu gênero.

Em resumo, Sandra Bem destacou que a formação da identidade de gênero na primeira infância ocorre por meio da aquisição de esquemas de gênero, que são influenciados pela socialização e pelos modelos de comportamento observados. No entanto, ela também enfatizou que as crianças têm a capacidade de questionar e desafiar as normas de gênero, e que é importante promover uma maior flexibilidade e igualdade de gênero na sociedade.

3.1.3 Desafios e oportunidades de discutir gênero na educação infantil

Discutir gênero na educação infantil apresenta tantos desafios quanto oportunidades significativas. O tema do gênero é complexo e envolve a compreensão das identidades, expressões e relações sociais relacionadas ao masculino, feminino e outras possibilidades de gênero. Nesse contexto, educadoras enfrentam desafios para abordar o assunto de maneira adequada e inclusiva, levando em consideração as necessidades e diversidades das crianças.

O maior dos desafios é lidar com estereótipos de gênero enraizados na sociedade, que podem ser internalizados pelas crianças desde cedo, principalmente pela influência da família. Esses estereótipos limitantes podem influenciar as expectativas, as oportunidades e as percepções das crianças sobre si mesmas e sobre os outros. Portanto, é importante que as educadorss estejam atentas para desconstruir esses estereótipos e promover uma visão mais ampla e igualitária de gênero.

Além disso, existe o desafio de garantir a inclusão de todas as identidades de gênero, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para todas as crianças, independentemente de sua identidade. Faz-se fundamental que as educadorss sejam sensíveis e respeitosos ao abordar questões de gênero, reconhecendo e valorizando a diversidade de experiências e identidades presentes na sala de aula, criando um espaço acolhedor e sensível.

Com isso, a discussão sobre gênero na educação infantil constrói oportunidades significativas. Ao abordar o tema, as educadorss têm a possibilidade de criar um espaço de diálogo aberto, no qual as crianças podem fazer perguntas, compartilhar suas experiências e aprender uns com os outros. Criando esse espaço

para troca de ideias e perspectivas podendo promover o desenvolvimento de habilidades sociais, empatia e respeito mútuo.

Abordando nessa vertente, podemos observar no decorrer da discussão, tratar sobre gênero na educação infantil contribui para a formação de cidadãos conscientes e críticos, explorando questões relacionadas à igualdade, direitos humanos e respeito às diferenças, as crianças podem desenvolver uma compreensão mais ampla do mundo ao seu redor, bem como a capacidade de questionar e desafiar normas sociais injustas.

Para promover essas discussões, é essencial que as educadoras estejam preparadas e atualizadas sobre questões de gênero, por meio de formação continuada e busca por conhecimentos atualizados. Eles devem ser facilitadores do diálogo, ouvindo atentamente as vozes das crianças, respondendo a suas perguntas de maneira adequada à idade e incentivando a expressão de ideias e sentimentos.

Em suma, discutir gênero na educação infantil apresenta desafios, mas também oferece oportunidades valiosas. Ao abordar o tema de maneira respeitosa, as educadoras podem contribuir para a formação de crianças conscientes, empáticas e críticas.

3.2 A Sexualidade da educação infantil.

A sexualidade é uma dimensão essencial da vida humana e faz parte do desenvolvimento saudável das crianças desde os primeiros anos, apesar de um tema ainda delicado, é de extrema importância incluí-lo nas discussões atuais a fim de criar espaços de diálogos e desenvolvimento livre e consciente nos ambientes infantis. Mas, é fundamental que essa abordagem seja adequada à faixa etária e esteja em acordo com as diretrizes éticas e legais.

A sexualidade na Educação Infantil não se trata de ensinar conteúdos sexuais explícitos, mas sim de promover uma educação sexual que priorize o respeito, a afetividade, o autocuidado, a noção de consentimento e a compreensão dos limites do próprio corpo e do outro. É um caminho que fornece às crianças informações apropriadas à sua idade, esclarece dúvidas e cria ferramentas para que elas desenvolvam uma visão positiva e saudável da sexualidade, de si e do outro.

Uma abordagem adequada a faixa etária, envolve a criação de um ambiente seguro e inclusivo, onde as crianças sintam-se à vontade para fazer perguntas,

expressar seus sentimentos e compartilhar experiências relacionadas à sexualidade, ao seu corpo, sua família, suas dúvidas e entre outros assuntos. As educadoras desempenham um papel fundamental nesse processo, sendo facilitadoras do diálogo, respeitando a diversidade de experiências e identidades, e respondendo às dúvidas das crianças de maneira adequada, clara e livre de julgamentos.

Apostar numa educação a partir da diferença é apostar numa sociedade que lida com os aspectos relacionais humanos para que possamos ser sujeitos autônomos, subjetivamente fortalecidos para dividir os espaços sociais com todas as existências possíveis. E a infância é o campo fértil de trabalho de compreensão dessas diferenças. (REIS, 2018, p. 36)

É importante ressaltar que a abordagem sobre sexualidade na Educação Infantil deve estar alinhada aos princípios éticos e aos valores familiares, respeitando as diferentes crenças e culturas presentes na comunidade escolar, estando alinhado primordialmente ao planejamento curricular da escola. A parceria com as famílias é essencial nesse processo, criando-se possibilidade de diálogo aberto e a colaboração para garantir uma educação sexual que esteja em consonância com os valores e as necessidades de cada criança, incluindo a família nas discussões e sendo facilitador de informações.

O tema proporciona também a prevenção de abusos, ensinando às crianças sobre limites pessoais, respeito mútuo e a importância de falar sobre situações desconfortáveis ou inadequadas vivenciadas em qualquer ambiente de sua vida.

É importante ressaltar que os conteúdos e atividades relacionados à sexualidade devem ser adaptados à faixa etária e ao desenvolvimento das crianças, garantindo que sejam adequados, respeitosos e evitem qualquer forma de exploração ou exposição inadequada. Ao promover uma educação sexual que valorize o respeito, a afetividade e a compreensão, os educadores podem contribuir para o desenvolvimento saudável e o bem-estar integral das crianças. “Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir”. (LOURO, 2014, p. 65). Cada discussão realizada na sala de aula ou no espaço escolar, tem que estar muito bem planejado pela escola para atender as demandas que podem surgir das crianças.

Ao fornecer uma educação sexual esclarecedora, as crianças constroem conhecimentos sobre seus corpos, suas emoções e suas relações com os outros. Isso ajuda a desenvolver uma autoimagem positiva, a construir relacionamentos

saudáveis e a tomar decisões informadas sobre sua saúde e bem-estar. Além de ser fundamental para combater a desinformação, os estereótipos de gênero e a discriminação, promovendo a igualdade e o respeito entre todas as pessoas, desde as crianças e criando a possibilidade de um futuro muito melhor.

Além disso, a educação sexual na primeira infância tem o objetivo de prevenir abusos sexuais. Ao ensinar às crianças sobre seus direitos, limites pessoais e a importância de compartilhar informações desconfortáveis, elas estarão mais preparadas para reconhecer e denunciar situações de abuso. Isso contribui para a proteção e segurança das crianças, promovendo um ambiente saudável e livre de violência.

É importante ressaltar que a educação sexual na educação infantil deve ser apresentada de forma gradual, respeitando o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. As atividades e os materiais utilizados devem ser adequados à faixa etária, respeitando os princípios éticos e legais. Ao fornecer informações adequadas, o educador cria um ambiente seguro para a discussão, contribuindo para o desenvolvimento de indivíduos conscientes, responsáveis e capazes de construir relacionamentos saudáveis e respeitosos ao longo de suas vidas.

4 . REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUAS INFLUÊNCIAS PELA ESCOLA, FAMÍLIA E MÍDIA.

4.1 O feminino e masculino na educação infantil.

Até o momento, fizemos alguns recortes das experiências vivenciadas na turma de educação infantil, registramos informações sobre as teorias de currículo, de gênero e como podemos pensa-las em uma sala de aula para educação infantil, afim de propiciar novas construções educacionais transformadoras.

Compreendendo a etapa da educação infantil como espaço acolhedor para as crianças desenvolverem suas habilidades, conhecerem-se, brincarem e expressarem-se, construindo sua identidade e compressão de mundo ao seu redor, é necessário um apanhado minucioso do planejamento educativo dos docentes para execução das atividades voltadas a inclusão das crianças em seus diversos contextos, como estudado nesse trabalho, nas discussões de gêneros.

Observando o contexto ao qual todos nós fomos educados e ainda hoje vemos essas reproduções, as desigualdades de gêneros começam logo quando a mãe descobre a gestação. Será que é menino ou menina? Quartinho rosa ou azul? Sapatinhos ou lacinhos? Logo quando o bebê nasce, já é cercado de expectativas: “esse será jogador”, “ela será uma linda dançarina”, “esse vai ser namorador como o pai”, “essa será educada e gentil como a mãe”. Como afirma Farias:

Genitália, hormônios e características genéticas diferentes, e espera-se comportamentos, habilidades e preferências opostos para meninos e meninas na sociedade, na família, na escola. Antes mesmo do nascimento, o anseio pela descoberta do sexo do bebê já traz consigo as expectativas de gênero. (FARIAS, 2022, p. 06)

E surge então uma das questões que não podemos deixar de refletir: as brincadeiras e os brinquedos, tem gênero? Analisando a sociedade hoje, percebemos fortemente em ações diárias, como essas segregações de gêneros ainda estão presentes e são reproduzidas cotidianamente nas ações mais básicas destinadas a crianças, mulheres e homens. Mulheres ainda hoje buscam por direitos trabalhistas, espaço na política e reconhecimento em suas vozes. Enquanto homens, são facilmente inseridos nos ambientes que desejam e têm mais

oportunidades e reconhecimentos, bem como nos reforça Freyre sobre o regime patriarcal:

No regime patriarcal a mulher era definida como “sexo frágil” e o homem o “sexo forte”, tornando assim por muito tempo a submissão da mulher, sendo que “a etiqueta, no sistema patriarcal brasileiro, a idolatria à fragilidade da mulher, tudo parecia denotar o gosto dos homens pela diferenciação e, em última instância, reforçar os conceitos de sexo forte, nobre e dominador” (FREYRE, 1961, p.94).

Parafraseando Freyre (1961) Enquanto mulheres são ensinadas a serem dóceis e educadas, homens crescem ouvindo o quão devem ser fortes, firmes e sérios. Essas reproduções são ensinadas desde a infância e reproduzidas durante toda a vida adulta.

A desigualdade de gênero na sociedade é reflexo da construção do masculino e feminino na infância. Falar sobre os comportamentos esperados de meninos e meninas desde o nascimento é trazer para essa discussão algumas coisas características dessa fase da vida, como por exemplo, os brinquedos, as brincadeiras, e a divisão do mundo entre rosa e azul. (FARIAS, 2022, p. 07)

Ainda na infância ouvimos de forma recorrente as divisões de atividades para meninos e meninas, como Farias explicita em alguns exemplos:

“Meninos não choram, pois demonstrar sentimentos é coisa de mulher.”
“Meninas não jogam bola, e meninos não brincam de boneca ou casinha.”
“Meninas vestem rosa e meninos vestem azul.” “Meninas são mais tranquilas, já os garotos são naturalmente mais agitados.” (FARIAS, 2022, p. 04).

As afirmações e reproduções de ações comportamentais baseadas no machismo, sexismo e misoginia, são predominantemente presentes em ações diárias e básicas no dia a dia das crianças e adultos, como bem citado por Farias supracitadamente. As predefinições do que se pode ou não, espera-se ou não de comportamentos femininos e masculinos, reforçam incansavelmente a continuação de mulheres e homens reprodutores de práticas segregadoras. Se crianças aprendem pela observação e repetição, família, escola e sociedade devem estar atentos ao que falam e fazem para construir novas formas de pensar e agir para suas crianças. Por isso reforça-se a importância da formação continuada das educadores que estão diariamente interligando as relações entre família, escola e alunos.

Se educadoras ensinam de forma isolada e engessada como podemos observar ao longo de toda história da educação, reforça-se a formação de jovens reprodutores do machismo e de práticas limitantes e excludentes.

Ao discutirmos sobre um ambiente acolhedor e inclusivo para crianças que compreendam e se desenvolvam de formas livres e igualitárias, cabe-se pensar na rotina infantil como um meio livre para a criança desenvolver-se e compreender a si e ao outro de formas iguais, permitindo ser e conviver com as diferenças presentes dentro de uma sala de aula com 30 alunos, por exemplo. Quando falamos em infância, estamos falando sobre pluralidade e diversidade, contudo, observa-se como ainda encontra-se um ensino baseado em realidades iguais e esperadas para crianças “iguais”.

Como um forte exemplo de reprodução de práticas segregadoras, podemos citar as comemorações de dias dos pais e dia das mães, onde crianças confeccionam cartinhas e flores para presentear as mães, enquanto realizam gincanas e jogos para comemorarem com seus pais. Se pensarmos em uma realidade bem presente nos dias atuais, podemos encontrar crianças com família não-tradicionais, como por exemplo, criada por duas mães ou dois pais. Cabe a escola planejar com cautela como ações tão simples podem causar impacto negativo e segregador na vida das crianças. É preciso atenção e dedicação para consolidar um espaço que abrace e respeite as pluralidades presentes em uma instituição.

Como foi observado nas experiências citadas no início do trabalho, deparamo-nos de forma frequente, com brincadeiras e atividades que reproduziam as práticas segregadoras. A seguir nos propomos a ressignificar algumas atividades, afim de contribuir para momentos acolhedores e livres para as crianças.

Ao pensar nas filas feitas pelas crianças para saírem para o intervalo, lanche ou ir ao banheiro, por que dividir meninos de um lado e meninas do lado oposto? Por que guia-los pelo rosa e azul? Pelas bolas e bonecas?

Percebe-se, então, que o banheiro é um lugar de e para a produção de diferenças de gênero. Ao discutir a questão do uso do banheiro sem distinção por sexo na escola, compreendemos que há uma falta de preparo em lidar com a sexualidade, remetendo à escola as atitudes de desrespeito e a (re)afirmação de estereótipos de gênero. A escola sendo um lugar que deveria promover convivências e trocas entre as diferenças e acessibilidade democrática ao conhecimento, acaba, por vezes, reforçando preconceitos e discriminações. (AGUIAR, 2016, p.103)

Pensando em uma proposta mais inclusiva, ensina-se crianças a fazerem uma fila única e respeitarem o espaço de si e do outro, sem empurrar ou machucar, mais compreendendo o seu tempo e do outro, não dependendo de cores específicas para simbolizar onde meninas e meninos devem seguir. Se dividimos os meninos para jogar bola e as meninas para brincarem de bonecas, continuamos reforçando para as práticas limitantes, podemos então acolhermos as crianças com brincadeiras que as unam e acolham suas diferenças, desenvolvendo suas habilidades e ensinando-as a respeitá-las em suas individualidades, tornando possível que meninos aprendam sobre espaços, emoções e respeito, assim como meninas aprendem sobre força e mobilidade.

Nesse processo de desenvolvimento de conhecer a si e ao outro, noções de espaços e respeito, as representações de gênero desempenham papel significativo no espaço infantil, construindo influência nas percepções e expectativas nos comportamentos e papéis sociais atribuídos aos indivíduos femininos e masculinos desde a infância. Compreende-se essas práticas no contexto da educação infantil como atividades essenciais facilitadoras na construção da representação de gênero nessa fase inicial da vida.

4.2. Os papéis de gênero na sociedade e suas influências na educação infantil.

Os papéis de gênero presentes na sociedade, compreendem-se como conjuntos de comportamentos, expectativas, atividades e funções sociais que uma determinada cultura ou sociedade determina para homens e mulheres. Tais modelos são influenciados por combinações de fatores biológicos, sociais e psicológicos, que variam de acordo com culturas e contextos históricos.

As crianças são rotineiramente expostas a brinquedos e atividades que são socialmente divididas por gêneros. Meninos usam de sua força e coragem para correrem e brincar na rua, enquanto meninas sentam e brincam de casinha, pois estão sendo preparadas para o futuro. Quando determinamos essas atividades, limitamos a imaginação e a liberdade da criança em se descobrir e conhecer o mundo ao seu redor, formando suas personalidades de forma enraizada pelas pessoas ao seu redor e por muitas vezes, as julgando por suas escolhas, como explica Felipe em suas pontuações sobre comportamentos esperados para meninos serem homens:

Muitas professoras tomam para si a responsabilidade de vigilância diante da possível orientação sexual das crianças, especialmente quando se trata de meninos, pois na nossa cultura muitos adultos vêem com extrema reserva o fato de alguns meninos demonstrarem comportamentos considerados não apropriados com a sua masculinidade. Dessa forma, brincar de boneca ou estar sistematicamente brincando de casinha com as meninas, ou querer fantasiar-se de personagens femininos, ainda é visto com muita preocupação por parte de profissionais que atuam em creches e pré-escolas. (FELIPE, 1999, p.58)

Visto que as crianças reproduzem comportamentos do seu convívio, criam identificações em seus pais-mães-professores, fica evidente a importância de repensarmos nossos atos para não continuarmos contribuindo para as divisões de gênero e não bloquear as crianças com suas emoções.

Pensando no contexto familiar, a educação infantil é influenciada pelas ações familiares dentro das casas das crianças. Se elas observam as mulheres fazendo as atividades de casa e cozinha, enquanto homens saem para trabalhar, as crianças internalizam essas ações e passam a reproduzi-las, pois compreendem que assim deve ser. Evidencia-se a necessidade de construir espaços de diálogos entre escola-família para que as discussões de gêneros, as brincadeiras inclusivas, os espaços livres, estejam presentes em todo espaço que a criança seja inserida, e esta, cresça no convívio da igualdade e liberdade.

4.2.1 Os estereótipos

Quando denominamos os comportamentos, as habilidades que devem ter, quais interesses devem seguir, onde podem ou não estar, estamos contribuindo para a criação de crenças e expectativas sob as crianças, que na maioria das vezes, só querem brincar, sem pensamento algum do que estão fazendo como “certo ou errado” (vale destacar que não há certo ou errado nas brincadeiras para crianças). Se limitamos essas brincadeiras, reforçamos então os estereótipos de gênero ao qual classificamos corretos.

Observamos esses estereótipos presentes nas casas e nas escolas, nas brincadeiras, atividades, nas cores, desenhos, músicas, planejamento de futuro e sonhos das futuras profissões. Os meninos, cada vez mais incentivados a brincarem de carrinhos, construírem obras e correrem no campo de futebol, despertam cada vez mais a consciência de que são fortes, dominantes e no futuro alcançarão

lugares de visibilidade e poder. Enquanto as meninas, ensinadas a se comportarem bem, falarem educadas e sentarem de pernas cruzadas, pois assim serão “mocinhas” bem vistas na sociedade. Brincam de bonecas, casinha, panelinhas e se limitam a brincadeiras de força e competições, pois não as cabe para serem “boas meninas”, criando de forma indireta, a ideia de que no futuro, ela deve ser uma boa esposa e boa mãe, obediente e prestativa.

Há quatro fatores na socialização das crianças que reforçam a educação sexista: (a) orientação espacial, (b) autoestima e autoconfiança, (c) aspirações e expansão do eu e (d) habilidades e experiências gerais. A autora chama a atenção para o fato de que, na socialização sexista, as meninas são mais estimuladas a brincar em espaços restritos e, ao mesmo tempo, a praticar tarefas supostamente femininas, como atividades domésticas (limpar, arrumar) e a maternidade (cuidar). Já os meninos, estes são incentivados a brincar em espaços mais amplos, o que provavelmente possibilita desenvolver mais a orientação espacial. Eles brincam também de lutas entre si, desenvolvendo a força e a agilidade, entre outras atividades que lhe são apresentadas e comumente rotuladas como sendo atividades masculinas (AGUIAR, 2016, p.31).

Podemos observar o grande poder que essas ações tem nas crianças, quando as mesmas, brincam com seus bonecos-bonecas e reproduzem as mesmas ações as quais foram ensinadas. Quem nunca viu uma menina reproduzir as maquiagens em suas bonecas? Vesti-las de rosa e com belos penteados? Enquanto os meninos ensinam seus robôs a correrem o mais forte que puderem. Até mesmo se observarmos o tempo de duração de bonecas e bonecos de meninas e meninos, vemos que as meninas são ensinadas a cuidarem melhor de suas bonecas e passam mais tempo com elas, enquanto meninos podem usar da força e criatividade com seus bonecos, carrinhos e arminhas, que na maioria da vezes, quebram em poucos dias de uso.

O papel dos adultos na formação das crianças precisa ser cada vez mais discutido nos espaços de diálogos, pois são as nossas falas e ações que os ensinam e consolidam seus pensamentos. Adultos estão sempre bombardeando as crianças com perguntas sobre o futuro. Esse menino será médico? Engenheiro? Essa menina, será professora? Enfermeira? As crianças se desenvolvem com seus futuros e escolhas já pré-determinadas, sendo instruídas ao que seguir e como se comportar.

Refletir e desafiar esses estereótipos de gêneros no ambiente infantil é fundamental para promoção da igualdade de oportunidades e os educadores

desempenham grande papel para essa construção, criando espaços inclusivos, proporcionando brinquedos e brincadeiras, atividades e histórias que ofertem um ensino livre para a criança. Compreendendo o dever do professor na formação de identidade e desenvolvimento da criança, é necessário o conhecimento das diferenças culturais, familiares e religiosas dentro da sala de aula, afim de assegurar momentos inclusivos. Como pontua Bicalho:

O processo pedagógico implica no reconhecimento do direito à diferença, garantindo relações igualitárias entre pessoas e grupos de universos culturais distintos e reconhece o processo constante de construção das identidades em contextos conflituos (BICALHO, 2015, p.9).

Contudo, é necessário que inicialmente as educadoras e corpo escolar, tenham a pre-disposição para compreender suas próprias crenças e abir-se ao processo de transformação, pois só é possível criar um ambiente inclusivo, se todo corpo presente na escola, estiver disposto a renovar suas ações e buscar novas práticas.

4.2.2 A influência da família e mídia na construção das representações de gênero.

Apesar de nossas discussões permearem no âmbito educacional, não podemos descartar o papel da família e das mídias nas construções de identidade das crianças, e a grande influência que o ambiente escolar sofre da sociedade, tornando o processo de desconstrução ainda mais difícil, visto que o cuidar e o educar caminham lado a lado da família, escola, sociedade. Não há como fazer um trabalho isolado.

Em cada dia que passa as crianças estão sendo apresentadas as telas cada vez mais novas, tornam-se viciadas em assistir conteúdos apresentados pelo Youtube, google e redes sociais. É comum vermos hoje as crianças com 1 ano que já dominam as telas. Escolhem quais músicas querem ouvir, qual desenho quer assistir e qual vídeo quer passar. Todo esse meio tem grande importância na construção do seu eu e nas descobertas de mundo que ela mesma faz.

Na internet podemos encontrar todo tipo de conteúdo, desde os mais facilitadores para o pleno desenvolvimento da criança, como também conteúdos que ensinem práticas excludentes e reprodutoras de preconceitos.

Faz-se ainda mais importante a parceria entre família e escola para compreensão dos conteúdos relevantes que contribuirão para o desenvolvimento das crianças. Intermediar conteúdos facilitadores que permitam as crianças se descobrirem em suas diversidades, como músicas que falem sobre diferentes tons de peles, a força que as meninas têm, os sentimentos que os meninos podem expressar, podem auxiliar numa formação mais livre.

Os pais precisam ter consciência que seus comportamentos, palavras e tarefas, interferem diretamente na vida de seus filhos. Que as crianças reproduzirão suas atitudes. Para isso, cabe-se pensar em como a escola pode mediar esse diálogo a fim de conscientizar os pais de suas tarefas na construção das identidades de seus filhos. Se a mãe costuma cuidar diariamente das tarefas de casa, podem convidar seus filhos a participarem das atividades, independentemente de ser menino ou menina, por exemplo. O fato de incluir as crianças nas atividades diárias, propiciam a elas o desenvolvimento de corpo, espaço, texturas, quantidades e entre outras habilidades. Como supracitado, as brincadeiras não têm gênero, as crianças não constroem sozinhas as noções de masculino e feminino e sendo assim, incluí-las em atividades diárias só trarão grandes desenvolvimentos a elas.

Os programas de televisão, os filmes e desenhos têm estado cada vez mais presentes no dia a dia das crianças e influenciado em suas habilidades. A maioria desses programas também reforçam ideias de gêneros, pois denominam quais desenhos são para meninos e quais são para meninas. É possível que meninas assistam desenhos de super-heróis e continuem sendo meninas educadas e meigas. Não serão desenhos e filmes que farão com que crianças mudem seus comportamentos para o outro sexo. Como reflete Farias:

Os brinquedos apresentam um mundo de possibilidades de diversão, mas também reproduzem os papéis esperados de homens e mulheres na sociedade. Por exemplo, ao brincar com um carrinho, uma menina não passará a se ver/sentir como um menino. E um menino, ao brincar de casinha, não deixará de ser menino. (FARIAS, 2022, p 10)

Torna-se fundamental reconhecer essas influências da família e das mídias e criar mecanismos de desafiar os estereótipos de gênero. Pais e responsáveis pelas

crianças podem promover momentos para uma educação inclusiva, encorajando seus filhos a explorarem atividades, habilidades e interesses independente de seu gênero e construindo uma educação de igualdade e respeito.

4.2.3 Papel das educadoras na perpetuação ou desconstrução dos estereótipos de gênero.

As educadoras têm papel crucial na perpetuação e desconstrução de estereótipos de gênero na sociedade. Como responsáveis pela formação e orientação das crianças, as docentes desafiam as normas de gênero e podem promover a igualdade e o respeito.

As crianças se espelham e criam relações de afeto com suas educadoras. Por isso, carregam consigo o papel de elaborar e mediar as atividades intencionais para proporcionarem uma educação libertadora para as crianças, para que cresçam com maiores possibilidades de conhecimentos, identificações e escolhas, como citado por Farias:

As relações de gênero encontram-se presentes não apenas na aula de biologia ministrada pela professora, mas também nas falas proferidas pelas crianças, na escolha dos brinquedos, na preferência por brincar somente em grupos de meninas ou meninas, nas atitudes e comportamentos, na curiosidade sobre o diferente, na reprodução de estereótipos de gênero, como “meninos não choram” ou “boneca é coisa de menina”. (FARIAS, 2022, p. 09)

Mas para que essas atividades sejam possíveis, as docentes precisam estar atentas aos preconceitos ou estereótipos que possam estar internalizados em seu próprio pensamento e em sua prática. Antes de tudo, cabe a reflexão de suas práticas e a identificação de onde é possível mudar, buscar novos conhecimentos e construir novas visões para que possam ensiná-las de forma desconstruída.

Um exemplo muito comum em sala de aula é ensinar meninas a sentarem com pernas cruzadas, onde os meninos podem sentar da forma que desejarem. É comum mesmo as mulheres reforçarem esse comportamento. Mas não podemos deixar de lado que homens também devem sentar de maneira educada e ter bons costumes, isso identifica-se como bons modos, e não como classificação de feminino ou masculino.

Outra prática pedagógica de extrema relevância para um ensino transformador, é criar a participação igualitária entre todas as crianças. As educadoras devem criar oportunidades para que meninas e meninos tenham os mesmos acessos e envolvam-se em toda as áreas do currículo, partindo das ciências exatas até as artes, como apresentações. Propiciando momentos como estes, as crianças sentem-se encorajadas e reconhecem seus papéis importantes para a sociedade. Assim, serão cada vez mais encorajados e seguirem suas vontades e deixarem de lado as expectativas sociais.

Acima de tudo, propõem-se que as educadoras sejam modelos de comportamento igualitário, de desafiar seus próprios preconceitos e evitar as falas e ações preconceituosas e estereotipadas. Por exemplo, não atribuir tarefas domésticas apenas para as meninas ou entregar a bola somente aos meninos. Mas criar possibilidades para que as crianças possam escolher onde e como brincarem.

A organização do espaço físico da escola também apresenta um papel muito importante para as discussões. É necessário desenvolver espaços que ofereçam oportunidades de aprendizado e exploração igualitárias para todas as crianças, independente de gênero.

Como por exemplo, proporcionar brincadeiras como construções, dramatizações onde as crianças possam escolher quais papéis desejam seguir, arte como espaço livre para as demonstrações das crianças, tornam-se fundamentais para que as habilidades sejam desenvolvidas sem restrições de gênero.

Por fim, destaca-se a importância da escola estar em constante formação e reflexão sobre suas questões pessoais e profissionais. Participar de treinamentos e discussões que abordem temas atuais são de extrema relevância para uma atuação transformadora. A escola não caminha sozinha, por isso reforçamos a extrema importância de criar-se espaços de diálogos entre família e escola, só assim será possível construir uma educação de fato, transformadora, onde todos caminhem juntos para formar crianças livres, respeitadas e respeitosas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De imediato trazemos à baila, o inegável compromisso que a educação formal tem para o ser humano, a princípio para as crianças pequenas, sendo a primeira comunidade institucional a terem experiências. Podemos afirmar que a instituição escolar é lugar de diversidade e assim, por necessidade e igualdade de direitos o currículo escolar precisa conter sobre as representações de gênero.

O nosso objetivo de analisar como o currículo escolar pensa a construção do feminino e masculino nas experiências vividas na educação infantil dentro da instituição escolar, surgiu a partir de inquietações vivenciadas em campo de estágio numa turma de educação infantil, com a hipótese, embora tivesse ações pedagógicas praticadas na educação infantil e organizadas vislumbrando a formação integral da criança, as práticas que influenciam a afirmação de comportamentos identificados como masculinos e femininos não são alvo de uma reflexão e planejamento específico, produzindo uma visão distorcida sobre gênero e reforçando estereótipos sociais. Nesse sentido, confrontamos como necessário trazer atenção para tais práticas pedagógicas, a fim de ressignificar ações diárias construindo uma educação menos tradicional e crianças livres e respeitadas com as identidades de gênero.

Primeiramente, propomos uma reflexão sobre o currículo escolar e sua dimensão histórica para o desenvolvimento social, intelectual e principalmente ao que se refere a construção de identidade para a criança. Quando analisamos a importância do currículo, propomos uma análise focada no currículo como emancipador humano e transformador dentro do cenário escolar, com práticas pedagógicas menos tradicionais.

Recorremos à teoria de gênero de Joan Wallach Scott, em sua obra “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1989), militante e estudiosa dos assuntos feministas, detalhando estereótipos do que tradicionalmente passados de geração, o que é típico para menina e o que é tipo para menino, ao mesmo tempo distinguindo que a criança pode ser criança, independentemente de suas preferências de brinquedos baseado em cores azuis de menino e rosa de menina, moldes comportamento do corpo de menino e corpo de menina, para tal, propusemos afirmar que o ambiente social e a interação desse influência diretamente na construção de gênero aprendido desde a primeira infância.

Assim, compreendemos que a sociedade contemporânea necessita de uma educação focada, direcionada e principalmente porque um currículo escolar adequado não é uma aposta, é um direito de todos como bem estabelece a Lei de Diretrizes e Base Nacionais para Educação- LDBN/1996. Corroboramos da ideia de que a formação docente inicial e contínua deve ser abrangente para a inclusão, novas perspectivas que deem visibilidade e reconhecimento à infância e a sua institucionalização no mundo contemporâneo, na busca por quebrar ações naturalizadas pelos educadores que afastam e diferenciam as crianças desde a primeira infância, oferecendo possibilidades sobre lugar e pertencimento, bem como o acolhimento as suas diferenças e a liberdade de descobrir-se e explorar-se como crianças livres.

A nível de compreensão, por entendermos que ainda existe muito a avançar nas discussões de gênero e sexualidade na educação infantil, destacamos que a pesquisa não buscou pôr um fim na discussão, mas despertar nos leitores a inquietação sobre o tema e a necessidade de continuar o estudo afim de buscarmos cada vez mais transformações para construir uma sociedade mais inclusiva, menos segregadora e reprodutora de estereótipos que implicam em tanto preconceito nos dias atuais.

Ao compreendermos a importância dessas discussões para o pleno desenvolvimento das crianças, norteamos nossas ações para contribuir nas mudanças desses estereótipos de gênero. Visto que foi explicitado como as crianças são influenciadas por seu meio social, torna-se ainda mais urgente o despertar das mudanças e crenças enraizadas em nós.

Firmando o compromisso entre família, escola e sociedade, findamos as reflexões sobre nossas práticas pedagógicas nas instituições de ensino, como também na sociedade e a participação das mídias. Como agentes transformadores na educação, compreendemos a importância de sabermos onde estamos e qual nossa função pedagógica e social na construção da educação que tanto desejamos.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. (2005). Gênero e currículo. In: priore, m. D. P. D., & Iago, m. C. D. (orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São paulo: contexto, p. 433-452.
- AGUIAR, Lorena M.S. **Um olhar sobre práticas pedagógicas que transgridem os Estereótipos de gênero na educação infantil na região metropolitana de Belo Horizonte** – UFMG/FAE – 2016.
- BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia. In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosângela Célia. **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá: EDUEM, 2010, pp. 205-218.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Base nacional comum curricular**: educação infantil, 2017.
- BEM, S.L. (1981). Gender schema theory: a cognitive account of sex typing. In: **Psychological review**, 88, 354-364.
- BIAGIO, Rita de. Meninas de azul, meninos de rosa. In: **Revista criança do professor da educação infantil**, São Paulo, nº40, p.33-35, set. 2005
- CORSARO, W. **A Reprodução Interpretativa no brincar ao 'faz-de-conta' das crianças**. Educação, Sociedade e Culturas, Porto, n. 17, p. 113-134, 2002.
- FARIAS, Islorrane de Jesus. **A igualdade de gênero e o brincar na educação infantil**. [manuscrito] / Islorrane de Jesus Farias. - 2022. XVI, 16 f.: il.
- FELIPE, Jane. Construindo identidades sexuais na educação infantil. In: **Páteo**, (7), Nov.98/jan.99. p. 56-58.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p.
- FINCO, Daniela. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e Desenvolvimento do urbano. 5. Ed. Rio de Janeiro: j. Olympio- inl, 1977.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1978

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

LOURO, Guacira Lopes. **GÊNERO, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: construção e desconstrução**. Porto Alegre - R S – Brasil, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura; organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. 48 p.

REIS, Carla Freitas. **Crianças dissidentes e as milícias de gênero e sexualidade**. Um estudo de caso em uma escola pró-diversidade de Salvador/BA. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. Porto Alegre, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero**: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Joan. **La citoyenne paradoxale**: les féministes françaises et les droits de l’homme. Paris: ed albin michel, 1998.

SILVA, Mery Terezinha Oliveira da Silva. **A educação para a sexualidade na Educação Infantil: No meu corpo ninguém pode mexer**. UNINA, Catanduvas, 2021.